



A DUALIDADE DAS RELAÇÕES FAMILIARES ENTRE PAIS E FILHOS ADULTOS QUE COABITAM

Jorama Leobas de Castro Antunes

Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA)

Sonielson Luciano de Sousa

Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA)

Pedro Adalberto Gomes de Oliveira Neto

Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás (FE/UFG)

Irenides Teixeira

Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA)

RESUMO

Inicia-se o estudo acadêmico com a pesquisa bibliográfica, que traz à tona os aspectos primordiais do estudo interdisciplinar e transdisciplinar da temática proposta sobre a dualidade das relações familiares entre pais e filhos adultos que coabitam, envolvendo a seara familiar na perspectiva dos seguintes autores: Zweig (2001), Abrahms (2001), Kast (2022), Féres-Carneiro; Magalhães, (2006), Giddens (1993), Bauman (2003), Dodson (2022), Jung (2014), dentre outros. Haja vista a dualidade das relações familiares existentes, que precisam ser discutidas no âmbito acadêmico com o foco no olhar psicológico de pais e filhos adultos que coabitam, bem como o fenômeno do prolongamento da convivência entre pais e filhos, a dependência socioeconômica dos filhos, a acomodação por estarem no mesmo teto dos pais sob os aspectos emocionais e financeiros; ao sair de casa, os filhos causam nos pais a “Síndrome do ninho vazio”, que consiste no período de mudanças no ciclo de vida familiar, já que os filhos se retiram da casa dos pais e os deixam sozinhos. Metodologicamente, a utilização dos pressupostos reforça a constatação da pesquisa bibliográfica por meio dos autores citados acima de que pais e filhos adultos coabitantes são determinantes para a construção equilibrada da psique dos filhos que estejam sob o mesmo teto dos pais, impactando diretamente na “inteligência emocional” a “ruptura abrupta”, no que se refere à convivência sob o mesmo teto. Em síntese, os impactos emocionais da coabitação dos filhos adultos com os pais são evidentes no âmbito da Psicologia Clínica sob o prisma junguiano.

Palavras-chave: Psicologia Clínica; Síndrome do Ninho Vazio; Quali-quantitativo; Inteligência Emocional; Jung.

INTRODUÇÃO

A coabitação prolongada entre pais e filhos adultos constitui uma realidade na sociedade contemporânea originada a partir de aspectos econômicos, sociais, culturais, emocionais e psicológicos, os quais, em não raras situações, implicam mudanças nos papéis familiares, comprometimento da liberdade e da autonomia, dentre outros. Tudo isso é permeado por uma ligação simbiótica e de (inter)dependência.



Ao mencionar o aspecto que se direciona para as relações entre pais e filhos como apresentado, há que se considerar a existência de uma “sombra”¹ na dualidade das relações familiares que se revela como um “sistema imunológico psíquico”, com convívio permeado pelo cuidado, zelo, mas também, pela violência, raiva, agressividade e silêncio.

Nesse cenário, o contexto familiar se revela intrinsecamente complexo e dual, marcado pela tensão entre o anseio dos filhos adultos por autonomia emocional e financeira e a persistência da coabitação com os pais. Essa dinâmica, que transcende a mera convivência, frequentemente expõe e intensifica aspectos inconscientes da psique, notadamente a Sombra e os complexos parentais. Tais elementos, quando não reconhecidos e integrados, podem gerar um ambiente de ambivalência psíquica, onde o apoio material e afetivo dos pais, embora ofereça conforto aos filhos, pode paradoxalmente inibir o desenvolvimento de sua individuação. Para os pais, essa situação pode manifestar-se como uma sobrecarga emocional e existencial, enquanto para os filhos, o benefício do suporte parental pode mascarar uma estagnação no amadurecimento, revelando um custo oculto para ambos os lados. Compreender essa intrincada teia de interdependências e suas manifestações inconscientes é crucial para desvendar os desafios e potenciais de crescimento inerentes a essa configuração familiar.

No contexto dos tempos atuais, com a modernidade líquida, trazida por Bauman² (2007), deixa-se de formar relações entre pais e filhos com mais intimidade, seguras e sólidas. A sobrecarga de atividades dos pais e as demandas da sociedade digital podem criar desafios pela falta de tempo, o que compromete a interação e, por consequência, a estruturação familiar. Neste momento de modernidade líquida, as configurações familiares tradicionais encontram-se em mutação, com aumento de divórcios, famílias reconstituídas e relacionamentos instáveis, o que reflete a natureza fluida das relações na sociedade contemporânea (Bauman, 2003).

À luz da Psicologia Junguiana, é oportuno o conceito de complexidade, o qual, conforme explicitado por Kast (2022, p. 33), no livro “Filhos de Pai, filhos de mãe”, consta:

O desligamento adequado à idade, complexos e memória de episódios, o complexo materno originalmente positivo do homem, o complexo materno originalmente positivo em mulheres, o elemento típico nos complexos maternos originalmente positivos, o complexo paterno originalmente positivo do homem, o complexo paterno originalmente positivo nas mulheres, o complexo materno originalmente negativo nas mulheres, complexo materno originalmente negativo nos homens, o complexo paterno originalmente negativo na mulher, já que pais e filhos adultos coabitam em relações monoparentais, famílias tradicionais, famílias multiparentais, bem como em todo tipo de configuração familiar.

No cenário delineado, cumpre registrar que o cerne do problema orientador do presente estudo reside na busca para compreender como a dualidade entre o desejo por autonomia e a manutenção saudável de laços afetivos e de família se manifesta nas relações entre pais e filhos adultos que coabitam.

Consequentemente, infere-se que, invariavelmente, as relações são permeadas por ambivalência de sentimentos e, por consequência, divergência e conflitos de diferentes ordens, dentre os quais afetivos e materiais, com retroalimentação.

Ciente da impostergável necessidade de independência dos filhos que desejam vivenciar as próprias escolhas e buscar a manutenção da relação de afeto,



cumplicidade e do suporte familiar, em especial no contexto de incertezas, desafios e dificuldades de diferentes ordens, a pergunta norteadora da presente pesquisa cinge-se a seguinte: Quais são os motivos determinantes para que os filhos adultos permaneçam nas casas dos pais?

Mostra-se fundamental reconhecer que a realidade do trabalho profissional desempenha um papel crucial na reconfiguração das dinâmicas familiares contemporâneas. A instabilidade do mercado, a precarização dos vínculos laborais e a sobrecarga de demandas têm impulsionado a permanência de filhos adultos na casa dos pais.

Nesse contexto, a crescente competitividade e a dificuldade de acesso a empregos ideais e satisfatórios levam muitos jovens a buscar no ambiente familiar não apenas o suporte financeiro, mas também um apoio emocional crucial diante das incertezas inerentes a esse cenário. Corroborando essa tendência, dados do IBGE indicaram que cerca de 34,8% dos jovens adultos residiam com os pais (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2022, p. 1). Essa dependência prolongada, embora também justificada por fatores socioeconômicos, estabelece complexas interações psíquicas que merecem aprofundamento, influenciando diretamente a autonomia e o processo de individuação de todos os membros da família.

Nesse sentido, torna-se imperativo reconhecer que as complexas questões do cenário laboral contemporâneo reverberam profundamente nas dinâmicas familiares. Essa influência se manifesta na moldagem de decisões cruciais e no impacto direto sobre a autonomia e o planejamento de vida dos indivíduos, com implicações significativas para o desenvolvimento psíquico e o processo de individuação de cada membro da família.

A análise de Zygmunt Bauman (2003, p. 74) descreve a contemporaneidade como um “mundo cheio de oportunidades, cada uma mais apetitosa e atraente que a anterior, [...] preparando o terreno para a mudança da próxima”. Essa fluidez da modernidade líquida impõem desafios psicológicos que exige do indivíduo ampla competência, notadamente a emocional, cuja validação, inclusive do próprio valor pessoal, é frequentemente buscada no reconhecimento externo, como os efêmeros e superficiais 'likes'. Essa dependência de métricas externas, que molda a construção de uma persona socialmente aceitável, gera uma superficialidade insustentável, uma vez que ao respaldar-se na imagem exterior, o sujeito negligencia a complexidade de seu mundo interno, mascarando a própria fragilidade emocional e o confronto necessário com sua Sombra.

Tal desconsideração dos aspectos inconscientes e não desenvolvidos perpetua um ciclo de insegurança existencial, inibindo o processo de individuação, o que confirma a intrínseca fragilidade de uma existência pautada na validação externa, bem como a urgente necessidade de um retorno à profundidade do Self. No contexto familiar, essa dinâmica se reflete em relações interpessoais tensas e na dificuldade de exercer papéis, perpetuando a coabitação não como escolha autônoma, mas como refúgio para a insegurança, impactando o desenvolvimento saudável de todos os membros.

Diante das considerações, as hipóteses orientadoras deste trabalho são: a saúde da convivência prolongada entre pais e filhos adultos decorre de fatores emocionais e/ou financeiros, sendo marcada pela existência de tensões nas dinâmicas familiares; além disso, suas relações são influenciadas por fatores externos, como os de ordem cultural, social e econômica, bem como fatores internos, tais como laços familiares, vínculos emocionais e dependência financeira, dentre outros.



A relevância, seja individual ou familiar, é de suma importância para a compreensão da coabitação entre pais e filhos adultos é imprescindível. O presente estudo, ao integrar a Teoria Junguiana e as Ciências Sociais, propõe-se a desvendar os complexos padrões e comportamentos que emergem no seio familiar. Essa abordagem interdisciplinar é crucial para analisar as intrincadas dinâmicas, tanto inconscientes quanto sociais, que influenciam a permanência dos filhos no lar parental e suas implicações para o desenvolvimento psíquico de todos os envolvidos.

Em consonância com o que foi delineado, o objetivo geral deste estudo consiste em analisar os contextos familiares e as dinâmicas relacionais que caracterizam a coabitação entre pais e filhos adultos. Busca-se aprofundar a compreensão dos múltiplos fatores que contribuem para a prolongada permanência dos descendentes no lar parental e, conseqüentemente, investigar as complexas implicações dessa realidade para a autonomia e o desenvolvimento psíquico de todos os membros da família.

Considerando que a gestão da relação pais e filhos constitui um desafio para todos, e a liderança dentro da família precisa permanecer sob o domínio dos pais, conservando a verticalidade nas relações familiares. No entanto, relativizar essa verticalidade, ampliando a negociação e a flexibilidade das regras e dos contratos familiares mostra-se necessário. A separação e a autonomia configuram-se como processos salutares dessa etapa, tanto para os filhos como para os pais, equilibrando as exigências do sistema familiar e os desejos e objetivos pessoais de cada membro. (Kalaitzaki; Birtchnell, 2014).

Neste caso, estabelecem-se como objetivos específicos os aspectos que fomentam a coabitação entre pais e filhos adultos, com ênfase na análise dos efeitos emocionais da coabitação; a compreensão dos diversos fatores sociais, econômicos e culturais que podem influenciar na decisão tomada por filhos adultos de permanecerem no lar dos pais; entender a dinâmica das relações familiares contemporâneas relacionadas à coabitação de filhos adultos com os pais e explorar possíveis implicações decorrentes dessa coabitação para a sociedade e políticas públicas.

Esta é uma pesquisa de natureza/finalidade básica que utiliza uma abordagem qualitativa, com objetivo exploratório dos motivos determinantes à coabitação de filhos adultos com os pais. Para o desenvolvimento da pesquisa, foi realizado levantamento bibliográfico referente aos anos de 2001 - 2004 nas bases de dados como Scielo, Google Scholar, PubMed e JSTOR, no qual incluiu livros, artigos, teses e dissertações que contribuíram de forma significativa para a construção do referencial teórico.

Os métodos e técnicas da presente pesquisa consistirão no diálogo entre autores na perspectiva da Psicologia Analítica. Essa abordagem permitirá a análise das experiências e percepções documentadas por pesquisadores sobre o fenômeno, além de identificar as principais teorias e conceitos que permeiam as dinâmicas familiares contemporâneas. A revisão incluiu a análise de obras de autores citados neste estudo científico, tais como livros, artigos, teses e dissertações disponíveis nas bases de dados elencadas acima, com o intuito de identificar as nuances e variáveis que influenciam a permanência dos filhos adultos na casa dos pais.



1 REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 Ajustes entre pais e filhos coabitantes: limites e violações

A pesquisa alicerça-se nos estudiosos da Psicologia Analítica com foco também na Sociologia, tais como Kast (2022), Féres-Carneiro e Magalhães (2006), Giddens (1993), Bauman (2003) etc., com o objetivo de apresentar um modelo de trabalho que exponha as características de pais e filhos que coabitam, em suas diversas nuances, com foco nas famílias monoparentais, homoparentais, reconstituídas e extensas.

Segundo Giddens (1993), o relacionamento entre pais e filhos adultos é caracterizado como uma relação pura, mantida pela satisfação mútua das partes; no entanto, a ocorrência de dependência emocional pode gerar desigualdades que se desdobra na hierarquia familiar, embora tenha se flexibilizado, sua compreensão é fundamental para analisar e entender a dinâmica familiar.

A fundamentação teórica deste trabalho está estruturada em três eixos principais, abordando a dualidade da coabitação: os ajustes entre pais e filhos adultos, a perspectiva psicológica sobre o fenômeno do 'ninho vazio' e as transformações no ciclo de vida familiar.

Bauman (2003, p. 10) analisa o contexto da modernidade, destacando as transformações sociais e econômicas e a emergência de uma 'engenharia social', conforme ilustrado em sua obra:

No entanto, os poderes modernos perceberam o alto custo da torre de vigília, de manter os dominantes e os dominados, administradores e administrados sob o mesmo teto. A segunda fase da jornada moderna foi tentar reenraizar a antiga comunidade sob nova roupagem, através do novo planejamento urbano, de novas visões sobre como administrar as pessoas. Começa-se um momento de engajamento mútuo dos indivíduos no trabalho, na família e na sociedade como um todo. A modernidade torna-se então uma engenharia social.

Essa perspectiva de Bauman assinala a complexidade das interações sociais e familiares na contemporaneidade, mas quais busca por novas formas de organização social impacta diretamente as relações interpessoais.

Féres-Carneiro e Ponciano (2003) ampliam a compreensão da família, destacando-a como um espaço de formação da identidade humana. Segundo as referidas autoras, essa formação ocorre por meio da filiação e da transmissão intergeracional, pautada no sentimento de amor e na realização pessoal advinda da convivência com o outro significativo.

As autoras também observam que, apesar do questionamento do modelo nuclear, a família não foi substituída por outro grupo ou instituição social. No momento atual, percebe-se a convergência para a formação de famílias igualitárias, caracterizadas pela igualdade na divisão de tarefas domésticas e maior participação da mulher no mercado de trabalho, tornando-se grandes líderes nos segmentos profissionais em que atuam (Pratta; Santos, 2007).

As transformações sociais influenciaram os papéis parentais e a dinâmica familiar, levando ao reconhecimento de diversas formas de constituição familiar. Isso representa uma superação do modelo nuclear patriarcal e heteroparental, abrindo espaço para novas configurações.



Nesse contexto, indicadores demográficos sinalizam a crescente pluralização das configurações familiares, evidenciada pela existência de diferentes configurações, como “famílias recasadas, extensas, casais sem filhos, famílias homoafetivas, entre outras” (Benatti et al., 2021, p. 2).

Portanto, a adoção de uma abordagem que verse sobre a diversidade das configurações familiares é essencial. Nesse sentido, Souza (2008) destaca a origem do termo 'monoparental', que, embora não seja recente, designava núcleos familiares onde apenas um dos genitores assumia a responsabilidade pelos filhos, seja por falecimento do cônjuge, abandono ou parentalidade solo.

Diante dessa pluralidade de configurações familiares, o reconhecimento das particularidades de cada estrutura torna-se imprescindível para a atuação do psicólogo e, em particular, a Psicologia Junguiana oferece uma lente que aprofunda e permite que, por meio de suas técnicas terapêuticas, sejam acessadas as dinâmicas inconscientes e arquetípicas que moldam o seio familiar. Essa compreensão aprofundada possibilita definir estratégias terapêuticas precisamente alinhadas à respectiva dinâmica familiar, favorecendo a pertinente intervenção e promovendo o bem-estar dos indivíduos e do sistema familiar.

Complementando a análise das dinâmicas familiares, o termo 'estilos parentais' descreve o modo pelo qual os pais lidam com “poder, hierarquia e apoio emocional na relação com os filhos”. Essa abordagem evidencia os limites estabelecidos e as respostas às transgressões. Os pais possuem valores que buscam transmitir aos filhos, mesmo adultos, e esses valores invariavelmente influenciam a formação e a educação. “As práticas educativas parentais, por sua vez, correspondem a comportamentos definidos por conteúdos específicos”, empregados para orientar ou intervir em condutas consideradas inadequadas (Böing; CREPALDI, 2016, p. 17).

Assim, “o estilo e a prática educativa estão normalmente associados, uma vez que o conjunto de práticas educativas utilizadas pelos pais na interação com os filhos” (Böing; Crepaldi, 2016, p. 19) constitui o estilo parental, resultando em diversas abordagens parentais quando combinadas de diferentes formas. Os estilos parentais representam, portanto, o contexto primário no qual os pais influenciam seus filhos por meio de suas práticas, alinhadas às suas crenças e valores (Alvarenga; Piccinini, 2001).

É crucial destacar que o estilo parental é a manifestação das práticas educativas na interação entre pais e filhos, refletindo as crenças e valores que orientam essas práticas. Por conseguinte, a variação desses estilos é determinada pela forma como as práticas educativas são combinadas e aplicadas no contexto da convivência familiar.

Em suma, a análise dos ajustes, limites e violações nas relações de coabitação entre pais e filhos adultos revela uma complexidade multifacetada, enraizada tanto nas transformações sociais e econômicas da modernidade líquida quanto nas dinâmicas interpessoais e intrapsíquicas. A compreensão da pluralidade das configurações familiares e dos estilos parentais, enriquecida pela lente da Psicologia Junguiana, é crucial para desvendar como esses elementos se entrelaçam, moldando a experiência individual e coletiva. Essa fundamentação teórica é, portanto, indispensável para aprofundar a investigação de fenômenos específicos, como a Síndrome do Ninho Vazio, que será abordada a seguir.

1.2 O olhar da Psicologia para o fenômeno do Ninho Vazio

Esta subseção busca aprofundar a compreensão do fenômeno do 'ninho vazio' sob a perspectiva psicológica, com um enfoque particular na abordagem da Psicologia



Junguiana. Examinaremos como a saída dos filhos adultos do lar impacta a dinâmica familiar, considerando-a como um momento de transição arquetípica que pode catalisar processos de individuação nos pais. Serão analisados os aspectos que facilitam, dificultam ou comprometem a convivência familiar nesse contexto de mudança, bem como as percepções dos pais e filhos acerca dessa experiência e suas consequências para o sistema familiar, incluindo a emergência de conteúdos inconscientes e a necessidade de redefinição do self.

A expressão 'ninho vazio', conforme Carter e McGoldrick (1995), refere-se a uma etapa evolutiva familiar, caracterizada pelo processo de independência do jovem adulto em relação à sua família de origem, culminando com sua saída de casa. As autoras destacam que o encerramento saudável dessa fase implica a separação sem o rompimento de laços, evitando refúgios emocionais reativos. Para algumas famílias, esse período pode ser de renovação e exploração de novos papéis, enquanto para outras, pode levar a sentimentos de vazio, perda, depressão e até desintegração, exigindo uma reestruturação do relacionamento conjugal.

Em consonância, Carbone e Coelho (1997) argumentam que o ciclo de desenvolvimento familiar pressupõe a preparação do filho adulto jovem para buscar sua independência e constituir uma nova família. Paralelamente, os pais também vivenciam uma fase de transição, na qual se espera que estejam preparados para essa saída. O egresso do último filho, ao promover uma redução estrutural da família, redireciona os investimentos emocionais e gera um novo foco sobre o relacionamento conjugal.

Observa-se que as mulheres, em particular, podem vivenciar essa fase com maior dificuldade, dada a possível perda do papel materno associada ao 'ninho vazio'. A saída dos filhos de casa é, portanto, sentida pelos pais não apenas como uma perda numérica, mas, sobretudo, como uma significativa perda emocional.

Olds, Papalia e Feldman (2006) salientam que, a partir dessa fase, os pais podem prosseguir seus próprios objetivos, ao mesmo tempo em que desfrutam das realizações dos filhos adultos. Contudo, o 'ninho vazio' representa um desafio, especialmente para as mulheres que não se prepararam adequadamente para essa nova conformação. Isso pode se manifestar tanto em questões práticas, como a dimensão da casa, quanto em aspectos emocionais, gerando sentimento de perda, vazio, depressão e, por vezes, crises conjugais ou pessoais.

É fundamental assinalar que a síndrome do ninho vazio, que se manifesta com maior intensidade nas mães após a saída dos filhos, pode ser compreendida sob a ótica da Psicologia Analítica como um momento arquetípico de confronto com a sombra. Nesse contexto, a sombra, conforme Jung, abarca os aspectos do self reprimidos ou não reconhecidos ao longo da vida consciente.

Zweig e Abrams (1995) destacam que, quando os pais deixam de exercer o papel central de cuidador, entram em contato com sentimentos como inutilidade, vazio, medo ou ressentimento, conteúdos que haviam sido negados ou projetados durante a fase ativa da parentalidade. Esse contato com a sombra pode gerar sofrimento, mas também configura uma oportunidade para o processo de individuação, conforme proposto por Jung, ao permitir a integração desses aspectos reprimidos e a construção de uma identidade mais autêntica e ampliada.

Diante disso, o 'ninho vazio' transcende a dimensão de um mero marco emocional ou social, configurando-se como um evento psicológico significativo. Ele sinaliza a necessidade de reconexão com partes esquecidas do self, revelando-se como uma fase propícia à transformação interior.



1.3 As mudanças no ciclo de vida familiar

As dinâmicas familiares são intrinsecamente marcadas por constantes transformações ao longo do ciclo de vida, e o fenômeno do 'ninho vazio', abordado na seção anterior, é um exemplo paradigmático dessas transições. A compreensão dessas mudanças exige uma análise que abranja tanto o âmbito intrafamiliar, que se refere às interações e problemáticas entre os membros diretos da família (pais e filhos), quanto o âmbito interfamiliar, que se manifesta nas relações entre diferentes núcleos familiares. Embora conceitualmente distintas, essas esferas estão interconectadas e contribuem para a complexidade das transições familiares.

A compreensão dessas mudanças no ciclo de vida familiar, conforme Fávero (2007), é intrinsecamente ligada à Psicologia do Desenvolvimento, que, como a autora destaca:

Na Psicologia do Desenvolvimento, o adulto certamente é o objeto mais recente. O desenvolvimento do adulto permaneceu muito tempo como um espaço vazio entre o desenvolvimento do adolescente e o do idoso. Os estudos sobre o envelhecimento trouxeram num primeiro tempo para a Psicologia, dois modelos teóricos para o estudo do adulto, ambos preocupados particularmente com a cognição. O primeiro modelo defendia a estabilidade cognitiva na fase adulta, enquanto o segundo defendia o decréscimo irreversível (ou com compensação) das capacidades cognitivas do adulto. [...] (Fávero, 2007, p. 625-626).

A partir do que foi exposto sobre o desenvolvimento do adulto, reafirma-se a relevância das dinâmicas familiares para a sociedade sob o prisma da Psicologia do Desenvolvimento. É no seio familiar que o indivíduo estabelece seus primeiros vínculos e interações cruciais, local onde, na perspectiva junguiana, se estabelece o ponto de contato inicial com o “Inconsciente Coletivo”. Essa compreensão é fundamental para o presente estudo, pois permite a investigação dos fatores que influenciam diretamente a coabitação entre pais e filhos adultos.

Ademais, é no contexto familiar, atravessado por conflitos, limites e transgressões, que ocorre a gênese da “formação da Sombra”, um dos temas centrais da Psicologia Analítica, sinalizando a relevância da família como pilar na edificação psíquica do indivíduo e como suporte emocional, especialmente nos momentos de ruptura, tais como a saída dos filhos do lar, os quais marcam o ciclo de vida familiar.

As mudanças no ciclo de vida familiar têm se mostrado significativas ao longo da história. No passado, entendia-se como estrutura familiar ideal aquela composta por casal e filhos, a mulher era responsável pela criação/educação dos filhos e cuidados da casa e, por sua vez, o homem ocupava a figura do provedor, essa era a família tradicional.

Transcorrido o tempo, o modelo da família tradicional restou superado, dando lugar a diferentes tipos de configurações familiares “como a monoparental (constituída pela figura de um dos genitores)”, a homoparental (formada por casais homoafetivos), a adotiva (relativa à adoção), a sem filhos (composta apenas pelo casal), entre outros modelos tradicionais, como a “família nuclear, anfitriã, de origem e extensa” (Rodríguez, 2022, apud Santos; Alves; Sousa, 2022, p. 109 – 110).

O comportamento moderno reflete uma nova divisão das responsabilidades familiares e dos encargos domésticos e parentais. Assim, tornam-se comuns situações



em que a mulher trabalha fora e o marido assume as tarefas domésticas e os cuidados com os filhos. Gradualmente, os padrões mais tradicionais de convívio familiar são modificados, adequando-se às estratégias de vida individuais. Nesse sentido, as famílias brasileiras buscam novas alternativas de relação e organização familiar para se adaptarem às transformações da sociedade contemporânea (Sousa, 2008).

Segundo Silva (2017 apud Santos; Alves; Sousa, 2022, p. 110), ressalta-se que:

Com o passar do tempo, mudanças ocorreram em todas as áreas sociais, e, com a família, tal situação não foi diferente. Na sociedade antiga já havia relatos de famílias monoparentais, mesmo que não fossem denominadas, eram os casos de famílias constituídas pela presença de somente um dos genitores em decorrência do falecimento do outro. Atualmente, no entanto, as famílias monoparentais podem ser identificadas como aquela consistente na presença de somente um dos genitores, seja por escolha deste, abandono por parte do(a) companheiro(a), não significando necessariamente sua morte.

Nesse contexto, a família de origem refere-se ao núcleo familiar no qual o indivíduo nasceu e foi criado. A família monoparental, por sua vez, é aquela constituída por apenas um dos genitores. Já a família extensa, como o nome sugere, representa a totalidade de consanguíneos que integram a família possui, sendo considerada, em termos da legislação civil, até a quarta geração de parentesco. A família nuclear, em sua concepção mais comum, é compreendida como o grupo formado por um casal e seus filhos, distinguindo-se das demais configurações familiares (Rodriguez, 2022; Fávero, 2007).

Silva (2008 apud Santos; Alves; Sousa, 2022, p. 110) destaca que:

[...] é válido reconhecer que cada família possui sua dinâmica particular, seja pelas crenças religiosas, opiniões políticas e sociais, funções desenvolvidas pelos detentores do Poder Familiar. Além disso, influenciam diretamente na dinâmica familiar a presença, ou não, de distúrbios, transtornos, abusos, contendas e outras situações que estão intrinsecamente ligadas ao ser humano moderno, bem como situações de crises econômicas nacionais ou globais.

É de conhecimento geral que a sociedade moderna tem se apresentado fragilizada, até mesmo depressiva em uma perspectiva geral. Como Han (2015) já apontou, vivemos em um período de crise neuronal, com o crescimento avassalador de doenças neurais como Depressão, Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH); Transtorno de Personalidade Limitrofe (TPL). Em parte, a razão para o estado atual da vida coletiva pode ser facilmente encontrada quando se observa a dinâmica familiar de um indivíduo problemático por ser aquele que é depositário dos problemas da família (Han, 2015 apud Santos; Alves; Sousa, 2022, p. 110; Silva apud Santos; Alves; Sousa, 2022, p. 110).

Em síntese, a análise das transformações no ciclo de vida familiar, sob a perspectiva da Psicologia Junguiana, revela que o contexto doméstico, com seus inerentes conflitos, limites e transgressões, é o terreno fértil para a gênese e a manifestação da Sombra individual e familiar. Essa compreensão é crucial, pois a 'Sombra', que abarca aspectos reprimidos e não reconhecidos da psique, muitas vezes expressos por meio de projeções, influencia diretamente o comportamento e a formação de vínculos.



A evolução dos modelos familiares, da estrutura tradicional à diversidade contemporânea (monoparental, homoparental, extensa), demonstra uma constante redefinição de papéis e responsabilidades. Tais dinâmicas, influenciadas por fatores sociais e econômicos, como as crises neuronais e a fragilização da sociedade, impactam diretamente a formação e a manutenção dos vínculos familiares.

Nesse sentido, a abordagem junguiana oferece subsídios valiosos para desvendar as implicações emocionais e comportamentais da coabitação entre pais e filhos adultos, reforçando a importância desse estudo para a Psicologia.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

O presente estudo apresenta-se como uma revisão bibliográfica baseada em teóricos junguianos e em autores das ciências sociais que revelam a importância da dualidade das relações familiares entre pais e filhos adultos que coabitam. É imprescindível a contextualização da dualidade entre a busca por autonomia e a manutenção saudável de laços afetivos familiares, deixando claro que este estudo precisa ser validado academicamente, para que o devido prosseguimento à construção científica em face da transformação das configurações familiares.

Para tanto, realizou-se a busca de estudos publicados entre 2021 e 2024 nas bases de dados online IndexPsi, Lilacs, Scielo e PePSIC, Google Scholar e JSTOR, visando a realização de uma busca avançada por parte dos pesquisadores. Utilizando como descritores os termos “heteroparentalidade”, “monoparentalidade”, “uniparentalidade”, “mãe ou pai solteira(o)”, “guarda unilateral”, “inteligência emocional”, “Jung”, “Síndrome do Ninho Vazio”, “Psicologia Clínica”.

Os artigos que foram pesquisados abrangem apenas o contexto de pais e filhos adultos que coabitam na perspectiva junguiana compreendendo os anos de 2021-2024, pesquisando em teses, dissertações, bases de dados, tais como Scielo, Google Scholar, Lilacs, etc., bem como em pesquisas científicas sobre orfandade, abandono e maus-tratos.

A seleção dos artigos científicos foi baseada pautada na leitura técnica dos resumos em língua portuguesa, bem como na análise de livros, de vários tipos de configurações familiares, tendo em vista as transformações sociais.

“Após o levantamento das produções científicas, os resumos encontrados passaram por” criterioso exame, com a exclusão dos “que não atendiam aos critérios estabelecidos para esta revisão”. Como parâmetro de inclusão, os estudos deveriam apresentar resultados e discussões que incluíssem especificamente a temática” da dualidade das relações familiares entre pais e filhos que coabitavam, enfatizando também as múltiplas configurações familiares existentes (Benatti et al., 2021, p. 3).

“Do ponto de vista metodológico, é importante analisar as particularidades dessa relação para assegurar que um conhecimento científico seja produzido” (Penna, 2009, p. 94), ao passo que servisse de insumo para novas pesquisas e demais aprofundamentos científicos. No contexto da pesquisa científica, o pesquisador e o pesquisado “formam um par de opostos complementares, sendo que a distinção entre as duas entidades é sempre indispensável. O outro é algo ou alguém (objeto do conhecimento) que não sou eu ou nós (pesquisador) sujeito do conhecimento” (Papadopoulos, 2002 apud Penna, 2009, p. 94), o que reforça a necessidade de primar pela imparcialidade científica.

Assim,



[...] o pesquisador participa ativamente do processo de pesquisa interagindo com os aspectos conscientes e inconscientes do fenômeno pesquisado. Assim, os elementos conscientes e inconscientes do próprio pesquisador têm papel importante durante todo o processo”, [uma vez que o conhecimento e o autoconhecimento são indissociáveis] (Penna, 2009, p. 146).

Ademais, pode-se supor, como parte integrante da pesquisa, a participação da personalidade do pesquisador em “todas as etapas do processo, o que, sem dúvida, exige, por parte dele, uma atitude compatível com a proposta epistemológica e metodológica do paradigma junguiano” (Penna, 2009, p. 146), visando a condução da pesquisa de modo apropriado e resultando na produção de conhecimento científico, centrado na neutralidade, imparcialidade e sustentação em teóricos clássicos, vanguardistas e contemporâneos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A concepção de família e suas dinâmicas internas têm passado por transformações significativas, impulsionadas por fatores sociais, culturais, econômicos e pessoais, que impactam diretamente a trajetória dos responsáveis pela criação e convivência com os filhos. Diante desse cenário, este estudo buscou mapear a produção teórica sobre as múltiplas configurações familiares, com ênfase na dualidade das relações entre pais e filhos adultos que coabitavam. O objetivo central foi sistematizar e caracterizar o conhecimento existente sobre essas conformações, especialmente no que se refere às implicações psicológicas da permanência prolongada dos filhos no lar dos pais.

A relevância do tema para a Psicologia é incontestável, especialmente na compreensão dos diferentes contextos e significados atribuídos a essa convivência intergeracional. Como destaca Zanoni (2011), a presença da figura materna e paterna contribui para a construção de vínculos afetivos seguros, que reforçam a autonomia, a capacidade de interação social e a tomada de decisões por parte dos filhos adultos.

Contudo, a coabitação entre pais e filhos adultos pode gerar reflexos ambivalentes. Por um lado, possibilita o fortalecimento de vínculos afetivos e o apoio mútuo; por outro, pode intensificar conflitos relacionados às diferenças geracionais, aos valores culturais e às necessidades individuais, especialmente quando associada à dependência econômica ou emocional. A análise dos dados converge, assim, para a importância de processos como a adaptação mútua, a comunicação efetiva e o desenvolvimento de estratégias de resolução de conflitos, fundamentais para a manutenção de relações familiares salutaras.

Nesse contexto, a Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung contribui com uma leitura simbólica e profunda dessas relações, destacando a relevância da integração das polaridades psíquicas conhecidas, respectivamente, como Anima e Animus. Segundo Jung, a integração desses aspectos inconscientes é essencial para o equilíbrio psicológico e o desenvolvimento da totalidade do self. Conforme apresentado por Zweig e Abrams (1995), o reconhecimento desses conteúdos ocultos, parte da chamada sombra, permite ao indivíduo uma existência mais autêntica, consciente e integrada, favorecendo relações mais maduras e significativas.

Independentemente da configuração familiar, algumas funções se mantêm centrais: a função biológica, relacionada à proteção e sobrevivência física, e a função social, responsável pela transmissão de normas, valores e padrões culturais (Zanoni, 2011). Assim, a família continua a ser compreendida como a primeira “célula social”



(Silva, 2008), com estrutura e limites próprios que regulam os vínculos entre seus membros.

Na perspectiva de Bauman (2003), em uma sociedade marcada pela modernidade líquida, as relações tornam-se mais frágeis, fluidas e individualistas. A dependência econômica entre pais e filhos adultos que coabitam não se reduz à esfera financeira, mas reflete tensões mais profundas relacionadas à autonomia, ao desejo de liberdade individual e ao confronto entre expectativas de diferentes gerações. Enquanto os pais projetam valores tradicionais, como casamento e estabilidade, os filhos, invariavelmente, podem buscar caminhos mais flexíveis e instáveis, muitas vezes percebendo tais expectativas como imposições.

Além disso, a saída do filho adulto do lar é, frequentemente, vivida como um processo de luto por parte dos pais. Essa transição, quando não adequadamente reconhecida e elaborada, pode desencadear sentimentos de perda, solidão e até mesmo quadros depressivos. A experiência do “ninho vazio”, nesse sentido, envolve o enfrentamento da sombra, como coloca Jung: o confronto com o vazio, a ausência de função parental e aspectos reprimidos da identidade pessoal. Zweig e Abrams (1995) afirmam que esse encontro com a sombra, embora doloroso, pode abrir caminho para a reconstrução do self e para o florescimento de potencialidades esquecidas.

Em síntese, a coabitação entre pais e filhos adultos insere-se em um contexto de complexidade social e emocional crescente. A busca dos filhos por autonomia frequentemente conflita com os anseios dos pais, resultando em tensões que exigem negociações contínuas e ressignificações dos papéis familiares. A Psicologia, especialmente sob o viés junguiano, oferece recursos teóricos potentes para compreender essas dinâmicas e auxiliar na construção de relações mais equilibradas e conscientes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo científico problematiza e sistematiza a apresentação das diferentes configurações familiares sob a perspectiva da dualidade nas relações entre pais e filhos adultos em coabitação. Assim, considera-se que o conhecimento na área é revelado neste trabalho, a partir de perspectivas que abordam o fenômeno da coabitação com os pais durante a fase adulta, buscando compreendê-lo em sua complexidade contribuindo para subsidiar práticas de pesquisadores e profissionais da Psicologia, bem como fornecer diretrizes para futuras pesquisas na área, e de profissionais da Psicologia que preconizam as terapias para essas famílias.

Este estudo científico visa explorar e organizar a diversidade das configurações familiares, focando nas relações complexas entre pais e filhos que coabitam. A pesquisa explora a dualidade dessas relações, reconhecendo a importância do fenômeno da coabitação, especialmente na fase adulta. O objetivo é contribuir para pesquisas, para as práticas de psicoterapia e para o entendimento dos profissionais que atuam com famílias.

“Observou-se também a preocupação com a “Síndrome do Ninho Vazio”, fenômeno que descreve o sentimento de solidão e tristeza que muitos pais experimentam quando seus filhos saem de casa para começar suas próprias vidas, o que afeta, principalmente, a saúde mental das mães.

Por fim, este estudo aprofunda a compreensão das complexas relações familiares, com foco na coabitação entre pais e filhos adultos. Sob a ótica da Psicologia Analítica junguiana, destaca-se que o enfrentamento dessa realidade por pais e filhos,



por meio da integração da sombra e da busca pela totalidade do self, é crucial para o desenvolvimento de práticas e pesquisas que promovam o bem-estar e a autenticidade dessas famílias.

NOTAS

¹A ideia tem origem na psicologia analítica desenvolvida pelo psiquiatra suíço Carl Gustav Jung (1875-1961). A sombra é tudo o que foi negado, reprimido ou ainda permanece desconhecido pelo indivíduo e está recalçado, ou seja, reprimido, em seu inconsciente, o que também torna sua definição ligada aos estudos do psicanalista austríaco Sigmund Freud (1856-1939).

²O livro *Modernidade Líquida*, escrito por Zygmund Bauman retrata a mudança da sociedade sólida para a líquida. Sua liquidez faz com que ela seja mais bem adaptada aos meios, preencha um ambiente, que com a mesma facilidade se esvai deste local, para assim tomar outra forma. Ao contrário da solidez, que não consegue preencher um ambiente que não seja de sua forma.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, P.; PICCININI, C. A. O impacto do temperamento infantil, da responsividade e das práticas educativas maternas no desenvolvimento dos problemas de externalização e da competência social. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 20, p. 314-323, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/WXkZyZGbmJqpfDzvg7Xzpgz/>. Acesso em: 7 jun. 2025.

BAUMAN, Z. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. Disponível em: <https://archive.org/details/bauman-modernidade-liquida/page/n35/mode/2up?q=%22mundo+cheio+de+oportunidades%22>. Acesso em: 28 maio 2025.

BENATTI, Ana Paula et al.. Famílias Monoparentais: uma revisão sistemática da literatura. **Psicologia: Ciência e Profissão**, [S.L.], v. 41, n. 3, p. 1-14, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-3703003209634>. Acesso em: 5 jun. 2025.

BÖING, Elisangela; CREPALDI, Maria Aparecida. Relação pais e filhos: compreendendo o interjogo das relações parentais e coparentais. **Educar em Revista**, [S.L.], n. 59, p. 17-33, mar. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.44615>. Acesso em: 28 maio 2025.

CARBONE, A.; COELHO, M. R. M. A família em sua fase madura. In: CERVENY, C. M. O.; BERTHOUD, C. M. E. (orgs.). **Família e Ciclo Vital**: nossa realidade em pesquisa. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. **As mudanças no ciclo de vida familiar**: uma estrutura para a terapia familiar. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 1995.

FÁVERO, M. H. Paradigme personnel et champ conceptuel: implications pour les situations didactiques. In: MERRI, M. (Org.). **Activité Humaine et Conceptualisation**: questions à Gérard Vergnaud. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail, 2007. p. 625-634.



FÉRES-CARNEIRO, T.; PONCIANO, E. L. T. Modelos de família e intervenção terapêutica. **Interações**, São Paulo, v. 8, n. 16, p. 57-80, jul./dez. 2003. Disponível em: <https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/wp-content/uploads/2017/10/5-PONCIANOI-Edna-L%C3%BAcia-Tinoco-CARNEIRO-Terezinha-F%C3%A9res.pdf>. Acesso em: 7 jun. 2025.

GIDDENS, A. **Modernidade e Identidade**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2002. (Original publicado em 1999).

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Características gerais dos moradores 2020-2021**: PNAD Contínua. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. ISBN 978-65-87201-99-3. Disponível em: <https://static.poder360.com.br/2022/07/populacao-ibge-2021-22jul2022.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2025.

KALAITZAKI, A.; BIRTCHNELL, J. The impact of early parenting bonding on young adults' internet addiction, through the mediation effects of negative relating to others and sadness. **Addictive Behaviors**, v. 39, n. 3, p. 733-736, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.addbeh.2013.12.002>. Acesso em: 2 maio 2025.

KAST, V. **Filhos de pai, filhos de mãe**: complexos de pai e mãe, caminhos para a identidade própria. Rio de Janeiro: Vozes, 2022.

OLDS, S. W.; PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento Humano**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

PENNA, E. M. D. **Processamento simbólico arquetípico**: uma proposta de método de pesquisa em psicologia analítica. 2024. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://ariel.pucsp.br/bitstream/handle/15817/1/Eloisa%20Marques%20Damasco%20enna.pdf>. Acesso em: 5 maio 2025.

PENNA, E. M. D. **Um estudo sobre o método de investigação da psique na obra de C.G. Jung**. Orientador: Denise Gimenez Ramos. 2003. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15789>. Acesso em: 5 jun. 2025.

PRATTA, E. M. M.; SANTOS, M. A. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 12, n. 2, p. 247-256, maio/ago. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722007000200005>. Acesso em: 4 jun. 2025.

RODRIGUEZ, A. **Psicologia social**. 27. ed. rev. e ampl. Petrópolis: Vozes, 2022.

SANTOS, J. M. A. S.; ALVES, M. A. de A. C.; SOUSA, S. L. de. As dinâmicas familiares e suas configurações na atualidade pelo olhar da Psicologia Analítica. In: CONGRESSO ACADÊMICO DE SABERES EM PSICOLOGIA: SAÚDE MENTAL NO TRABALHO – CAOS, 2022. **Anais** [...]. Palmas, TO: ULBRA, 2022. ISSN 2595-2110. Disponível em: <https://fswceulp.nyc3.cdn.digitaloceanspaces.com/caos/2022/anais/Anais-cais-2022-versao-completa.pdf>. Acesso em: 5 maio 2025.



SILVA, N. C. B. et al. Variáveis da família e seu impacto sobre o desenvolvimento infantil. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 16, n. 2, p. 215-229, 2008. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v16n2/v16n2a06.pdf>. Acesso em: 4 jun. 2025.

SOUZA, A. P. de. **Estudo comparativo das famílias monoparentais masculinas e monoparentais femininas**: A influência do genitor no desenvolvimento familiar. 2008. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/98515>. Acesso em: 20 abr. 2025.

ZANONI, E. Parentalidades “impensáveis”: pais/mães homossexuais, travestis e transexuais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 12, n. 26, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832011000200006. Acesso em: 23 jan. 2025.

ZWEIG, C.; ABRAMS, J. (Orgs.). **Ao encontro da sombra**: o potencial oculto do lado escuro da natureza humana. Tradução de Merle Scoss. São Paulo: Cultrix, 1995.

INFORMAÇÕES AUTORAIS

1. **Jorama Leobas de Castro Antunes**, *acadêmica de Psicologia*, Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).
2. **Sonielson Luciano de Sousa**, Psicólogo, Mestre, docente de Psicologia, Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).
3. **Pedro Adalberto Gomes de Oliveira Neto**, Graduado em Filosofia, Doutor, docente, Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás (FE/UFG).
4. **Irenides Teixeira**, Psicóloga, Doutora, docente de Psicologia, Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).